

O medo do calote muda nossos credores

JORNAL DA TARDE

um consenso vem se formando em vários países de que novos caminhos devem ser encontrados para reduzir, e não apenas reestruturar, a cambaleante dívida de US\$ 1,2 trilhão do Terceiro Mundo. Este consenso, escreve Steven Greenhouse, do N. Y. Times, que envolve uma estratégia conhecida como **debt reduction** (abatimento de dívida), tornou-se claro na semana passada durante a reunião anual conjunta do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial, em Berlim. Ele marca uma importante virada na crise dos últimos seis anos.

Os países endividados se queixam que seus débitos aumentaram em 50% desde 1982 e que os US\$ 128 bilhões de juros pagos a cada ano estão levando-os à miséria. A abordagem do **debt reduction** visa ajudar os países pobres a reduzirem o volume total de suas dívidas através de várias formas, incluindo o perdão parcial de alguns empréstimos não pagos.

O tratamento usual, ao contrário, envolve um reescalonamento dos pagamentos, que passam a ser feitos a cada ano, mas com o inconveniente de acrescentar os juros não pagos à dívida total, aumentando por sua vez o endividamento.

Há um ano, a redução da dívida era considerada pornografia, disse uma autoridade monetária da Ásia. Agora, a atitude mudou, definitivamente.

Polêmica

Em alemão, a expressão "abatimento da dívida" é um palavrão tão grande que já provocou conflito aberto entre o Deutsche Bank (o poderoso gigante da economia alemã), de um lado, e outros dois bancos de enorme projeção, o Dresdner Bank e o Commerzbank. A discussão chegou ao ponto dos principais dirigentes das três instituições financeiras trocarem farpas e acusações em público.



Alfred Herrhausen, o novo e dinâmico chefe do Deutsche Bank, acha que o abatimento da dívida é a única maneira de se ajudar não só os países mais endividados — com o que concordam seus adversários nos círculos financeiros alemães — mas, também, países de renda

do nível do Brasil. "Eles precisam crescer e investir, esta é a única maneira de ajudá-los", disse Herrhausen, semana passada, durante a reunião conjunta do FMI e do Banco Mundial, em Berlim Ocidental.

Os chefes do Dresdner e do Commerzbank acham a idéia simplesmente absurda. Reiteram a visão ortodoxa nos mercados financeiros internacionais, segundo a qual o único jeito de restabelecer a confiabilidade de países endividados é o pagamento pontual, pelo menos, dos juros da dívida. Walter Seipp, o presidente do Commerz, cita até o Brasil para defender seu ponto de vista:

— Quem pensaria há um ano que o Brasil fosse capaz de gerar um saldo comercial de uns 18 bilhões de dólares? Enquanto houver países que são capazes de se recuperar, não podemos renunciar a cobrar nossos empréstimos, disse.

Herrhausen enfrentou seus colegas num debate em público, na semana passada, e provocou uma reação furiosa de Seipp quando foi confrontado com uma famosa citação de Goethe ("Só aos esperançosos floresce o impossível"). Com a importância e o extraordinário prestígio que o Deutsche Bank desfruta na economia alemã e europeia — o banco é conhecido como instituição extraordinariamente cautelosa e conservadora — é bem provável que a posição de Herrhausen prevaleça.

Para os bancos alemães, de qualquer maneira, a situação não é dramática; suas reservas permitem enfrentar sem problemas qualquer tipo de **default**.